

Amaral procura alternativas fora do comitê dos credores

#8 SET 1989

Arquivo 09.03.89

Ademar Shiraishi

O Brasil começa a colocar em xeque a existência do Comitê de Assessoramento dos Bancos Credores, hoje, quando o secretário para assuntos internacionais do Ministério da Fazenda, Sérgio Amaral, e o diretor da área externa do Banco Central, Arnim Lore, começam a negociar alternativas para o pagamento dos juros da dívida externa brasileira em atraso desde julho último.

Pouco mais de dois meses de centralização cambial foram suficientes para o governo brasileiro mudar a postura em relação aos bancos credores. O Ministro da Fazenda, Mailson Ferreira da Nóbrega, passou a aceitar a tese de que o Brasil nada ganhou com a condição de bom pagador, após o acordo de reescalonamento da dívida imposto pelos credores há exatamente um ano.

Hoje, existe quase que um consenso interno quanto à suspensão dos pagamentos de juros até que o País receba dinheiro novo para sustentar as suas reservas cambiais acima dos US\$ 6 bilhões. O cenário externo também mudou. Os bancos credores ampliaram as provisões para créditos dos países em desenvolvimento e a moratória técnica brasileira não causa reação emocional de seus acionistas, ao contrário do que ocorreu quando da moratória formal de fevereiro de 1987.



Sérgio Amaral (E) se prepara para negociar os juros da dívida externa em atraso desde julho

Flexibilizar

A emissão dos bônus de saída e o processo de conversão informal da dívida externa em investimentos diretos retiraram da renegociação global do endividamento brasileiro mais de uma cantena de pequenos bancos credores. Com a redução do elenco de credores, o governo brasileiro poderá flexibilizar a renegociação e até eliminar a concentração de poderes no comitê renegociador da dívida brasileira.

O Brasil teria muito a ganhar com a descentralização do reescalonamento da dívida em bloco de países ou mesmo negociando diretamente com os bancos credores. O Ministério da Fazenda já detectou, por exemplo, que a exemplo do Governo, os bancos japoneses demonstram compreensão com as dificuldades cambiais brasileiras, neste período de transição política. Mas o Banco de Tóquio — representante dos bancos japoneses no Comitê renegociador — transmite a idéia de

intransigência nipônica, ao bater na velha tecla do acordo prévio com o Fundo Monetário Internacional (FMI).

Com a experiência de antigo negociador da dívida brasileira como Secretário de Assuntos Internacionais do ex-ministro Dilson Funaro, o economista Paulo Nogueira Batista Júnior qualifica de vexatória a negociação com o Comitê de Assessoramento dos Bancos Credores.